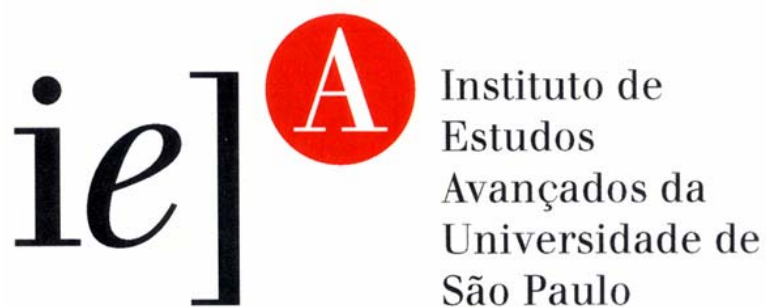


# Educação para Valores Humanos do Amanhã

*Alberto Castiel*



Texto disponível em [www.iea.usp.br/artigos](http://www.iea.usp.br/artigos)

As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do autor, não refletindo necessariamente as posições do IEA/USP.

# Educação para Valores Humanos do Amanhã

*Alberto Castiel\**

Nesta tormentosa etapa da humanidade, a fim de fundamentar as linhas mestras da ação a desenvolver, de forma *eficiente*, na nova Cátedra UNESCO de Educação para a Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância, do Instituto de Estudos Avançados da USP, e delinear o que seria a educação para os valores humanos do amanhã, parece-me elucidativo partir dos textos básicos das cartas constitutivas da Organização das Nações Unidas (ONU), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

*A Carta de São Francisco, constitutiva da ONU, firmada em 26 de junho de 1945*, como resultante da vitória militar, é uma aspiração de paz. Visa, como diz seu preâmbulo, “preservar as gerações futuras do flagelo da guerra”. O Conselho de Segurança, ao qual é atribuída a principal responsabilidade na manutenção da paz e segurança internacionais, é o âmago do sistema das Nações Unidas criado em São Francisco. Suas operações de paz para os novos e maiores desafios da criação da paz, contraditoriamente, são operações militares (Embaixador Marcos Castrioto de Azambuja).

Não se pode excluir, no entanto, os fatores *subjetivos, psicológicos*, na manutenção da paz e nas origens dos conflitos, que são complexas e, sob aparentes justificativas, falsificadas.

Assim é que, *o preâmbulo da carta de 16 de novembro de 1945 que, em Londres, constituiu a UNESCO*, declarou como seu propósito o de “contribuir para a paz e a segurança estreitando, mediante *a educação, a ciência e a cultura*, a colaboração entre as nações, a fim de assegurar o respeito universal pela justiça, a lei, os direitos humanos e as liberdades fundamentais”. Esse preâmbulo continha, ainda, a declaração essencial de que **“tendo em conta que as guerras nascem nas mentes dos homens, é na mente dos homens que devem erigir-se os baluartes da paz”** (grifos meus).

Como entender essas afirmações? Bertrand Russel e Albert Einstein, no célebre manifesto que firmaram, tendo em conta a energia liberada do átomo, preconizavam que “devemos aprender a pensar de nova forma”. Essa aprendizagem era e é imperiosa se a

---

\* Alberto Castiel: Membro do Conselho de Coordenação da Cátedra Unesco de Educação para a Paz, Direitos Humanos, Democracia e Tolerância e da Área de Assuntos Internacionais do IEA – USP.

humanidade deseja continuar a existir e a prosseguir seu desenvolvimento. A alteração das mentes exige, em consequência, a transformação de todo o sistema de pensamento e comportamento dos seres humanos, políticos ou não, sistema formado no curso de milênios. Um esforço concentrado no campo do desarmamento - fundamental para evitar as guerras -, se relaciona com a criação de uma consciência pacífica, destinada a guiar as energias e idéias das pessoas no sentido de rejeitarem a violência e a enaltecerem a vida. Impõe-se, desse modo, a educação para a paz e para outros valores prioritários, entre os quais sobressaem os direitos humanos *na sua integralidade*.

Reunida em Paris, em 10 de dezembro de 1948, “A Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, proclama A PRESENTE DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, como ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que todo indivíduo e todo órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se empenhem através do ensino e da educação, em promover o respeito a esses direitos e liberdades”.

Os direitos humanos se inter-relacionam com outros valores. “Os direitos humanos - escreve o Embaixador Celso Lafer - tornaram-se, com base na Carta [das Nações Unidas], no mundo pós-Guerra Fria, um *tema global*, à maneira kantiana. Representam o reconhecimento axiológico do ser humano como fim e não meio; tendo *direito a um lugar no mundo*; um mundo que encontra um terreno comum entre a Ética e a Política através da associação convergente de três grandes temas: *direitos humanos e democracia*, no plano interno e *paz*, no plano internacional”.

Acrescento: democracia direta fundamentada no primado da cidadania participativa e na escolha da pessoa humana, de seu presente e de seu futuro, como fim da sociedade. Tolerância no plano interno e internacional.

A *tolerância* é um valor que requer um suporte na realidade. Qual a visão do mundo de hoje? Vivemos uma época na qual, em lugar de extirpar a guerra como forma de resolver problemas, e de estabelecer um diálogo baseado na tolerância, centenas de milhares de pessoas morrem em conflitos nacionais, étnicos, religiosos e territoriais. Encontramo-nos numa época onde existe uma aguda contradição entre as potencialidades consideráveis que se oferecem à humanidade e os imensos dramas e ameaças aos quais é confrontada. Surge daí, como uma das maiores exigências universais, a exigência de democracia, a modificação e a valorização dos sentimentos, para que a humanidade progrida e conheça um novo humanismo. Hoje, o homem se defronta com convulsões regressivas que se julgavam estarem mergulhadas nas profundezas de uma história

ultrapassada. Reaparecem à luz do dia, especialmente na Europa, violências contra os estrangeiros. Desagregam-se as nações. Impedem-se as migrações de povos esfomeados. Exasperam-se os particularismos, pregam-se os separatismos, grassam a violência, o terrorismo e o narcotráfico, despertam-se os nacionalismos mais intolerantes, acarretando explosões de ódio e de rejeição. Sob o signo sinistro da “purificação étnica”, atingiu seu ápice o horror na ex-Iugoslávia. Explodem tensões violentas na Tchetchênia e entre os israelenses e palestinos. Sob a égide da globalização, milhões de desempregados são excluídos da cidadania.

Estamos longe da concepção do filósofo húngaro Lukacs, segundo o qual a consciência da plena cidadania “depende da formação de cidadãos capazes de se interessar pelos tesouros da arte e da cultura” (Leandro Konder).

Hoje - conforme o Comitê Francês de Defesa dos Direitos Humanos - “a causa contra a xenofobia e a da perseguição aos imigrantes, não pode ser abordada da mesma forma que no passado: profundas mutações sociais se produziram. Ontem, a relação violenta ao outro, àquele que é diferente, que não tem a mesma cultura, a mesma religião, se traduzia por um debate sobre as noções de ‘intolerância’ e de ‘tolerância’, por uma reflexão sobre a “natureza humana”, o tema do direito à diferença. Tudo isso tomou um novo aspecto, com as fases de crise profunda no planeta. As respostas dos filósofos das luzes sobre a ‘tolerância’, a ‘aceitação da diferença’, ainda que sempre pertinentes, não são mais suficientes”.

A emergência de aspirações novas à cidadania, à democracia, à solidariedade e à preservação do meio ambiente, à justiça e à paz, atravessam todas as soluções possíveis da sociedade. Vive-se uma época na qual a contradição de busca de soluções às dificuldades pode coexistir, entremear-se, ser parasitada pelos receios, as inquietações, as divisões e as regressões nascidas do aprofundamento da crise. É a contradição entre a aspiração a uma outra sociedade, a uma outra política, e os sentimentos de fatalidade, de isolamento, de impossibilidade de transformar as coisas, de desesperança, de pensar “que não há nada a fazer”. A humanidade vê se ampliarem novas fraturas, nas quais as perspectivas ficam opacas, a perda do sentido do futuro desperta as velhas representações do passado, o obscurantismo. As idéias retrógradas remontam à superfície quando a alternativa parece fora do alcance. Os velhos antagonismos e as frustrações impotentes se cristalizam em medo do outro. A perda da esperança, o desemprego, o receio do futuro, o sentimento de estar abandonado, permitem essas derivações.

Os comportamentos que originam o nacionalismo fanático, as idéias de ódio e de exclusão, explicam-se por um fenômeno de transferência que consiste, tanto para os indivíduos quanto para o corpo social majoritário, em transportar sobre o outro, sobre aquele que lhe parece uma ameaça, em especial as minorias étnicas e religiosas, a responsabilidade das dificuldades, objetivas e imaginárias, que se experimenta e a origem de seu próprio mal de viver. Os comportamentos intolerantes mergulham suas raízes, assim, num terreno complexo, no qual assumem corpo todas as fontes do imaginário e da sensibilidade, onde se formam as idéias e as opiniões, no entrecruzar das histórias singulares, das experiências coletivas, das representações do eu, do sentido da época e da vida.

*Hoje, combater o racismo e a xenofobia é, prioritariamente, conscientizar-se sobre a raiz do mal: a crise e seus efeitos sociais.* Hoje, quando as sociedades submergem sob o peso do número dos excluídos do emprego, da moradia, da escola, da nutrição, quando as restrições, a miséria, o desprezo, o aviltamento de mulheres e de homens se acumulam para milhões de pessoas e milhões de outras recebem mergulhar na insegurança, é indispensável explicar a fundo a causa dessas exclusões, destacar os valores primordiais do humanismo, da solidariedade e da ética, assim como inventar caminhos inovadores, mais belos que os do capitalismo.

Para desenvolver esses valores e definir o ponto de partida desses projetos, escolho a sensibilidade de um cineasta e a de um escritor, além do conhecimento de um historiador eminente.

*Humanismo de nossa época.* O diz Carlos Diegues: “Talvez essas duas idéias {a de tolerância e a de crise} possam levar a uma espécie de neo-humanismo triunfalista, ao fim do qual não se encontram mais as glórias que nos foram prometidas pelos humanistas clássicos, a vida eterna, a parúsia, a sociedade sem classes, o controle sobre a natureza, essas coisas que nos fizemos, através dos séculos, travestis de Deus”.

*Solidariedade e ética.* Lembra-o com tristeza, causada pelo “irracionalismo, pelos fanatismos que se disseminam no mundo”, José Saramago: “Por gerações e gerações, os direitos ficaram sempre em segundo plano. Mas creio que agora é o tempo de reconsiderar, de voltar a pensar nos deveres que temos em relação aos que nos são próximos e também aos distantes. Deveres que podem se resumir em um só: *o dever de solidariedade* [...]. Faz muita falta uma filosofia preocupada com o problema da *ética*, não como algo abstrato, mas como algo imediato a reger as relações humanas. É uma coisa de fato chocante chegar à conclusão de que o único ser realmente cruel é o ser humano”.

*Necessidade de novas perspectivas.* Conclui Eric Hobsbawm: “*Se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente.* Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para uma mudança da sociedade, é a escuridão” (grifos meus nas três citações).

Neste final e dramático “breve século XX”, “século da angústia e da utopia de curá-la” (Umberto Eco), continua a ser um interrogante lancinante a busca de uma nova sociedade, de um novo mundo, de um novo futuro. Permito-me, assim, uma afirmação heterodoxa e instigante: “O Outro tornou-se o Inferno [...] e todos, em guerra uns com os outros, pedem ao sexo e ao amor-romântico que lhes devolvam o apetite de viver que o insensato mundo lhes roubou [...]. Um grão de loucura e de devaneio, quem sabe, é desta falta que padecem nossas almas mortas, famintas de encantamento e razão de viver” (Jurandir Freire Costa).

No insensato e duro mundo no qual vivemos, submetidos a uma regressão da civilização, é necessário sonhar, criar, utilizar o pensamento e o coração em multiformes direções. É indispensável perguntar-se sobre o que é essa pseudo “modernidade” do capitalismo mundializante, que torna a vida cada vez mais difícil. É preciso desmistificar “os belos encantamentos que os sacerdotes do Deus mercado inventam para disfarçar seus efeitos sobre os seres humanos”: a “estabilização” que organiza a redistribuição da riqueza dos pobres aos ricos, destruindo as economias do terceiro mundo (prof. Alan Sokal). É imperioso rejeitar os valores que predominam hoje, do egoísmo, da violência, da competição, da concorrência, do “dinheiro como grande Deus” (ator Marlon Brando) - mercado e dinheiro, os dois deuses transfigurados num só -, e refletir sobre os valores aos quais aspiramos no amanhã, para o resplandecer da pessoa humana. Não se pense que a crítica ao capitalismo conduz, como única alternativa, à sociedade socialista, hoje mal definida.

A bela utopia libertária que fecundou durante séculos o combate pela igualdade de direitos e a dignidade de todo ser humano encontrará nas potencialidades de nossa época, nas comunicações, nas descobertas das ciências, das tecnologias e das artes, os fundamentos concretos de sua efetivação, *os meios para que os homens apreendam a medida de sua humanidade comum?*

É possível, realizar-se o prenúncio cantado pelo poeta de “liberté”, Paul Eluard, de suaves olhos azuis, amigo de todas as horas, em Paris e em encontros internacionais pelo

mundo, nos momentos cruciais nos quais a paz, as “palavras que fazem viver” [...] “a palavra justiça e a palavra liberdade”, estavam ameaçadas:

*Eu lerei logo nas tuas veias  
teu sangue te transpersa e te ilumina  
Um novo astro de amor se levanta de toda parte.*

Pode ocorrer, na medida em que se expanda por “toda parte”, como um novo “astro de amor”, “um humanismo de nosso tempo” - para utilizar, embora com reservas, na falta de melhores, as características concretas expostas por Robert Hue -, contestador da ordem existente, na qual o ser humano tem um “preço”, é tratado como “mercadoria”, é considerado apenas como um *meio*.

É suscetível de se concretizar, se a personalidade humana, na sua diversidade e riqueza, é colocada no primeiro plano. Do que resulta mais democracia e humanismo.

Um humanismo atual que seja, “antes de mais nada, a afirmação da dignidade humana, princípio da civilização moderna”. Que proporcione novas dimensões à pessoa humana, em todos os aspectos de sua existência, de seu trabalho, de sua inteligência, saber e capacidade, de seu lugar no meio social, de seu porvir, do sentido de sua vida. Que assegure à “humanidade o direito de viver num mundo solidário e desarmado, de beneficiar-se dos recursos do planeta, preservando-os”.

Um humanismo como conceito amplo, síntese dos valores da paz - valor fundamental -, direitos humanos, democracia e tolerância, que desenvolva a aspiração a uma sociedade mais ética, mais honesta, mais justa, mais igualitária, mais fraterna. Sociedade onde “os indivíduos sejam os atores e autores da transformação social”. Sociedade *moderna na realidade*, na qual o ser humano, sua felicidade, sua liberdade, seus direitos, e não o “dinheiro pelo dinheiro”, sejam “o *objetivo* e a medida de todas as coisas”.

A educação para a realização desse humanismo e desses valores do amanhã, aperfeiçoados e modificados nas suas formulações e idéias, mais abrangentes e imaginativos, abertos ao diálogo, é o que almejamos.